

## BASTIDORES DA ESCRITA DA HISTÓRIA: A AMIZADE EPISTOLAR ENTRE CAPISTRANO DE ABREU E JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO

Paula Virgínia Pinheiro Batista \*

**RESUMO:** O presente trabalho visa analisar as práticas de leitura e escrita da história expressos na correspondência trocada entre os historiadores Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo entre os anos de 1916 e 1927. Ambos participaram ativamente do campo intelectual, respectivamente, no Brasil e em Portugal, ocupando diversas alocações importantes nesses espaços como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o Colégio Imperial Pedro II, a Academia de Ciências de Lisboa, dentre outros. A partir dos comentários que os missivistas faziam sobre suas leituras, buscamos apreender que tipo de apropriações eles faziam desses livros partilhados, e expor algumas das condições de produção e circulação das suas obras, bem como as estratégias de publicação e divulgação das mesmas.

**PALAVRAS-CHAVES:** Historiografia – Correspondência - Intelectuais

---

*Escrevo-lhe de Pedras Altas, da granja de Assis Brasil, aonde vim solver um compromisso tomado em 80/81. O tempo de verão não é o mais próprio para visitar uma terra essencialmente fria, mas tenho sido feliz: a dois ou três dias de calor intercalados, tem sucedido sempre a chuva, e a temperatura não pode ser mais agradável. (...) A casa de morada é um castelo granítico, em cuja construção consumiram-se não menos de cem contos. Em roda nascem buxos americanos, que sob a tesoura assumem formas variadas, entre as quais as de muralhas com ameias: muito interessante um dia destes vê-las tremerem com um vento forte do Norte, que persistiu algumas horas. O que mais encanta é a família forte, sadia, perfeitamente contente e satisfeita. O ano é excepcional, porque não faltam chuvas nesta época, em que são mais necessárias, e a praga de gafanhotos anda longe e talvez não alcance aqui. Mas mesmo em anos menos propícios creio que o fundo psicológico não se altera. (...) Moro só, em 'chalet' de madeira, habitado antes de ereto o castelo: é impossível achar reunido maior número de comodidades que nos poucos metros do andar térreo que ocupo. Dentro em poucos dias terei companheiros. Ainda não sei quanto tempo ficarei; mas não entra em meus planos partir antes do fim de março (ABREU, v.1, 1977 p. 243).*

Em 31 de janeiro de 1916, Capistrano de Abreu escreveu essa carta a Mário de Alencar relatando sua estadia na granja de Pedras Altas, aonde foi passar o verão quando da sua primeira viagem ao Rio Grande do Sul. Foi nesse ambiente, propício a relações epistolares, que Capistrano escreveu uma das cartas ao historiador João Lúcio de Azevedo.

Essa carta foi escrita cinco dias após a morte de José Veríssimo, amigo em comum de Capistrano e João Lúcio. Percebe-se um tom saudoso diante do amigo ausente:

*Domingo passado, 30 de janeiro, José Veríssimo foi ao América Hotel no Catete, entregar a um amigo, que vinha para aonde estou, duas publicações suas, mandadas por intermédio dele e a mim destinadas. Chegaram ontem,*

---

\* Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

*acompanhadas de um cartão carinhoso como sempre. Na véspera lera em um jornal de Bagé o telegrama de seu falecimento. (...) A tão velho e querido amigo não preciso lembrar o que valia. Comecei a conhecê-lo depois de sua mudança para o Rio, e não posso conformar-me com a idéia de que não mais tornarei a encontrá-lo. Muitas vezes nossas opiniões e atitudes divergiam inteiramente, mas os laços de boa amizade nunca afrouxaram e a intimidade foi sempre crescendo mais forte (ABREU, v. 2, 1977, p. 9).*

A perda de um amigo querido é uma dor irreparável, somente o tempo consegue apaziguá-la. Diante da morte de Veríssimo, os dois se aproximaram, estimulando uma densa troca de cartas e estreitando fortes laços de amizade. Essa troca iniciada no ano de 1916, foi conservada até a morte de Capistrano em 1927.

Em carta a João Lúcio, Capistrano confessa que o início dessa amizade parece consentida pela “co-presença” de Veríssimo:

*Não acho sua carta para responder-lhe: responderei só de coração. Foi para mim um consolo. Veríssimo gostava de fazer propaganda de amigos. Falou-me em seu nome, pela primeira vez, creio que em 93 ou 94. Depois muitas e muitas vezes falou-me de sua ida para o Pará, a entrada no comércio, seus trabalhos para a conquista do pão, sua volta além-mar, sua vida de estudo e de pensamento, que auspiciávamos longa e fecunda em obras cada vez mais vigorosas. A partida de nosso amigo ainda mais sagradas torna estas recordações (ABREU, v. 2, 1977, p. 12).*

Sem Veríssimo, Capistrano e João Lúcio iniciam uma cumplicidade intelectual incentivada pela escrita cotidiana de cartas francas, vivas e inteligentes. A memória de suas relações intelectuais foi preservada nessas epístolas. Essa correspondência, nos revela um tipo de relacionamento mantido entre alguns intelectuais do século XIX: a amizade epistolar. Nesse tipo de relação, “a correspondência torna-se o altar da amizade, monumento privado onde vem se celebrar a relação e se inscrever a marca, onde se principia a obra comum” (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 25).

A troca de cartas era fundamental para a convivência intelectual, já que nesse espaço privado discutia-se a produção, o cotidiano, os gostos, os caprichos, misturados a conselhos, encorajamentos, críticas e elogios. Capistrano e João Lúcio mantiveram uma correspondência freqüente durante doze anos (1916-1927) e usaram esse suporte para trocas intelectuais e afetivas, uma vez que nunca se encontraram pessoalmente.

Cartas são conversas com os que estão ausentes. Essa correspondência foi gerada, sobretudo, em função da distância física entre eles, posto que um vivia no Rio de Janeiro e o outro em Lisboa. O que fascina, nessas cartas é a cumplicidade do ofício de historiador que eles partilhavam, tendo a correspondência como espaço de discussão sobre o trabalho historiográfico de ambos. Contudo, a freqüência das cartas, o tom íntimo empregado entre

esses dois correspondentes revela mais, apresenta a história de uma amizade que vai sendo construída a partir da ajuda mútua intelectual, mas que a intimidade favorece as confissões recíprocas entre Capistrano e João Lúcio sobre a família, a solidão, a velhice, dentre outros temas.

A ausência de uma convivência pessoal estimulava ainda mais a escrita de cartas entre os dois. A intimidade epistolar aumentava diariamente, com um procurando agradar o outro nos pequenos detalhes, como podemos apreender dessa carta de João Lúcio para Capistrano: “sua idéia de me mandar a parte que evidentemente mais poderia interessar-me, por me ser mais familiar, denota a delicadeza de quem, fazendo um presente, busca o que mais pode agradar ao presenteado” (ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 227). Ou nessa outra epístola, na qual João Lúcio afirma: “creio que, quando escrevi aquilo, o fiz com o sentido de lhe agradecer, e triunfei, visto havê-lo conseguido” (ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 229).

O tom fraternal usado nas cartas se sobressai nessa amizade intelectual. Em vários trechos da correspondência eles deixam evidente o carinho recíproco, como nessa carta de Capistrano: “este ano, em vez de Páscoa, tivemos 4º feira de trevas. Desculpe-me isto, o lapso involuntário, que tento reparar agora com o abraço cordial através do Atlântico” (ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 298). Mesmo sabendo que não poderiam se encontrar para conversarem pessoalmente, procuravam recursos para se sentirem mais próximos, como percebemos nessa carta de João Lúcio de 3 de março de 1922: “em uma planta do Rio, que trouxe meu filho, vi o morro da Glória, e a Rua D. Luísa. Pareceu-me ficarmos mais perto agora. Como não posso ir em pessoa, subo a vista as alturas” (ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 241).

Capistrano afirma que sempre recorre ao “auxílio preciso” (ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 87.) de João Lúcio, o que nos revela um espírito de colaboração científica entre eles. João Lúcio confessa ao amigo Capistrano que sua amizade lhe estimulava o trabalho intelectual, como nessa carta de 23 de outubro de 1920: “o que digo, no meu *Marquês de Pombal* está certo; agora poderia explicar o caso. De sorte que estou achando prazer na tarefa, que tinha antes por cansada e enfadonha. E devo isto a V., como algumas outras cousas boas” (ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 234).

Os dois historiadores não trocaram somente cartas. Sentiram a necessidade de olharem o rosto um do outro e permutaram fotografias. As primeiras tentativas de troca de fotografias começam nos idos de 1917, quando João Lúcio pede a Capistrano uma foto sua. Em carta de 6 de junho de 1917, Capistrano afirma que talvez João Pandiá Calógeras possua uma fotografia sua ou poderá mandar tirá-la para enviar ao historiador português. (ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 52).

Capistrano dizia que não guardava nenhuma foto sua. Guilherme Studart afirmou, em nota biobibliográfica, que Capistrano nunca havia tirado nenhuma foto. Ao que Capistrano retificou em carta ao amigo cearense:

*Li e te agradeço a minha biografia, que ainda não vi no Almanaque. Enganaste-te dizendo que foi Amaro quem me extinguiu: foi Epitácio. Não é também exato que jamais tirasse retrato: apenas não guardo um só. No Brejão, Eduardo Prado fotografou-me mais de uma vez; em Santa Cruz das Palmeiras fez o mesmo Godofredo Leão Veloso, Assis Brasil aqui em Santa Tereza e Rio Branco em Petrópolis, em grupo. Não guardo um só, porque não os acho parecidos (ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 173).*

Capistrano foi fotografado várias vezes e recebia fotos dos amigos como João Lúcio, que enviou para ele duas fotos. Essas imagens foram enviadas junto com uma carta para Capistrano de 8 de agosto de 1919, na qual afirma que a fotografia foi “tirada no quintal por meu filho. As feições estão contraídas por efeito da luz, por isso pareço aborrecido” (Acervo Instituto do Ceará).

Ao receber as fotografias de João Lúcio e ao saber do seu retorno a Portugal, Capistrano escreve uma carta emocionada

*Sua carta alvoroçou-me. A partida de Londres é uma aproximação e bem grande. Sabê-lo em sua casa da Rua de Alexandre Herculano é como se o Atlântico se estreitasse e pudéssemos dialogar de uma costa para outra. Devo a Londres suas duas fotografias que muito agradeço. Tenho mirado ambas muitas vezes e, apesar do fotógrafo, prefiro a primeira. Por ter sido a primeira? Talvez, mas também acho-a mais psicológica, mais substancial e permanente (ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 133).*

Outra fotografia de João Lúcio enviada junto com a carta de 17 de outubro de 1923. Com afeto, Capistrano acusou seu recebimento: “aqui recebi sua fotografia, que muito agradeço e terei sempre diante dos olhos. Se é recente, felicito-o: poreja saúde e vigor. Regozijo-me que a maturidade tenha sido um elemento de regeneração e consolidação. A natureza tem destes paradoxos” (ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 284).

A delicadeza da troca de imagens entre os dois é evidente, mostra a necessidade de olhar aquele com quem se fala apenas por cartas. João Lúcio, ao despedir-se em carta de 28 de outubro de 1918, revela os limites da amizade epistolar: “como sempre foi grande o meu prazer com esta sua prosa escrita, já que segundo todas as possibilidades não será dado tê-la de boca comigo” (Acervo do Instituto do Ceará).

Essa correspondência foi analisada como objeto de pesquisa, entrevendo as relações de amizade estabelecidas através da troca epistolar e os intercâmbios estabelecidos entre esses

historiadores e uma rede de sociabilidade formada a partir deles, percebendo como essa colaboração mútua influenciou o trabalho de ambos.

O suporte epistolar exige uma análise quantitativa do material, já que se trata de uma fonte serial e fragmentada. Neste trabalho foi analisado um conjunto de 350 cartas trocadas entre esses dois correspondentes. Sendo 87 cartas da correspondência passiva de Capistrano, com 57 cartas inéditas, e 263 da correspondência ativa de Capistrano, com 1 inédita. Nessas epístolas, foram encontradas variadas temáticas, desde afazeres próprios do ofício do historiador, como pesquisa de documentos em acervos, até relatos do cotidiano, incluindo comentários de suas leituras diárias de livros históricos, políticos e romances.

Quanto a periodicidade dessas epístolas, identificou-se uma disparidade no número de cartas escritas por um e por outro. As cartas escritas por João Lúcio ocorrem em uma média de 7 cartas por ano, enquanto as cartas de Capistrano chegam a 21 no mesmo período. Isso se deve, em certa medida, à própria conservação do material. Provavelmente, o número reduzido das cartas de João Lúcio se deve ao “descuido” de Capistrano na conservação das cartas recebidas, ou mesmo a doação das cartas do amigo português a outros amigos como o próprio Capistrano nos revela nessa carta enviada a Paulo Prado: “incluo páginas da última carta de Lúcio de Azevedo” (ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 479); ou nessa enviada a Rodolfo Garcia: “a carta junta de J. Lúcio desfaz as dúvidas quanto à de Sardinha.” (ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 499). Além disso, é preciso levar em consideração as perdas provocadas pelas mudanças de endereço dele e da Sociedade Capistrano de Abreu, que em ficou com a guarda do material logo após a morte do seu patrono.

Já as cartas de Capistrano foram conservadas devido a doação das epístolas por João Lúcio a Biblioteca Nacional em 7 de março de 1928, logo após a morte do amigo. Em carta ao diretor da Biblioteca, João Lúcio reconhece a relevância daqueles documentos:

*Por espaço de mais de onze anos, tive a fortuna de entrever ativa correspondência com Capistrano de Abreu, e tão interessantes achei suas cartas que as guardei todas ou quase todas. Elas encerram curiosas particularidades sobre o viver e pensar do escritor e poderão servir utilmente a quem um dia pretender traçar o perfil de uma figura de tanto prestígio entre os estudiosos. Pareceu-me por isso que agora, por morte dele, o lugar adequado para estas cartas seria a Biblioteca Nacional do Rio, para onde as dirijo, com endereço a V. Senhoria, seu ilustre Diretor. Aí ficarão sob a guarda e acessíveis aos amigos e admiradores do finado que, se a família não fizer objeção, as poderão ver, copiar ou publicar, se assim quiserem, porque da minha parte não me oponho a isso. (RODRIGUES, 1977, p. IX)*

Tal atitude de João Lúcio pode ser vista como uma tentativa de guardar e “monumentalizar” essa correspondência para a posteridade, posto que, doando para a

Biblioteca Nacional, uma instituição já firmada e estruturada no início do século XX, as cartas poderiam ter um espaço reservado, onde estariam abertas para a consulta pública.

O Ministro Viana de Castelo considerou a correspondência escrita por Capistrano e enviada a João Lúcio “documentos secretos”, devido à afluência de curiosos que iam examinar as epístolas, além do fato de ainda estarem vivas algumas figuras políticas nelas caricaturadas (NASCIMENTO, 1930, s/p). Na coluna *Surpresas da História* do jornal *O Globo*, saiu um artigo relatando a proibição

*Um dos confidentes de Capistrano de Abreu era o historiador João Lúcio de Azevedo, espírito notável de crítico, a quem devemos algumas obras de mérito sobre os jesuítas e sua influência nos passos iniciais da nacionalidade. Morto Capistrano de Abreu, João Lúcio de Azevedo achou que devia confiar a Biblioteca Nacional a copiosa coleção de cartas, que dele recebera em anos consecutivos de incessante cordialidade. Assim fez e a seção de manuscritos da Biblioteca recebeu os documentos preciosos. Como era natural, a leitura das cartas de Capistrano de Abreu despertou curiosidades. As curiosidades formaram, em poucos dias, uma pequena romaria. A romaria cresceu, de modo a causar incômodos ao Ministro Viana do Castelo. Por que incômodos tais? É que, nas suas cartas, o historiador crítica, com independência, ironia e justiça, os fatos e os homens da república, e, principalmente, os dos últimos períodos do regime. A correspondência de Capistrano de Abreu constitui um verdadeiro libello, escrito nas despreocupações naturais do gênero, sem nenhuma eiva de paixão, mas com evidentes, enérgicos e seguros elementos de prova. Foram poucos os que puderam ter as epístolas do historiador entregues a guarda da Biblioteca Nacional, depois que se espalhou a fama da imponência do seu valor documental. O Ministro do Interior proibiu incontinenti que fossem às normas dadas à consulta. Com o veto, as cartas referidas entraram para o rol dos documentos secretos daquela Biblioteca. Os documentos secretos, ali, hoje não são numerosos: constam apenas das cartas que João Lúcio de Azevedo recebeu do historiador e crítico sincero... Nem mesmo as cartas fascinas de D. Pedro I à Marquesa de Santos mereceram nunca tais cuidados...(Jornal O Globo, 1928, nº 1013)*

O jornal *O Globo* (Jornal O Globo, 1953, p. 9) volta a falar dessa correspondência que permanecia “secreta” e guardada na Biblioteca Nacional. Mesmo na edição das cartas de Capistrano feita por José Honório Rodrigues houve restrição a algumas missivas, como relata o próprio editor: “umas poucas cartas, cuja divulgação foi considerada inoportuna, deixaram de ser publicadas” (RODRIGUES, 1977, P. XII). Dentre as cartas que “deixaram de ser publicadas” estão algumas das cartas dirigidas a João Lúcio que estavam na Biblioteca Nacional. Além dessas, as 57 escritas por João Lúcio que pertenciam ao acervo da Sociedade Capistrano de Abreu, e hoje estão depositadas no Instituto do Ceará, permanecem inéditas até hoje.

Pode-se considerar que estas cartas inéditas e as demais que se encontram no Acervo Capistrano de Abreu do Instituto do Ceará podem ser aquelas que o próprio Capistrano guardou, pois as 30 cartas de João Lúcio que foram publicadas por José Honório Rodrigues,

na segunda edição da correspondência de Capistrano feita de 1977, estavam de posse de Eugênio de Castro, membro da Sociedade Capistrano de Abreu, que com sua morte foram doadas pelo filho Mauricio de Castro ao editor das cartas.

O critério da conservação sugere uma razão para se entender a diferença quantitativa dessa troca epistolar. Além disso, nas cartas de Capistrano, percebe-se o constante diálogo estabelecido com João Lúcio. Possivelmente ele escreveu o mesmo número de cartas de Capistrano, mas essas apenas não foram guardadas.

A escrita da história pode ser percebida não somente a partir do lugar social daquele que a elabora, mas também do trabalho coletivo que é estabelecido pela “disciplina”. Posto que os procedimentos teóricos, metodológicos e temáticos escolhidos e adotados por um autor/historiador são determinados pelo grupo ou instituição a qual este está ligado.

Pensar a escrita da história desta forma nos possibilita compreender o modo como os historiadores realizaram seu ofício e construam um discurso legítimo sobre o passado. Assim, investigamos a prática da escrita da história de Capistrano e João Lúcio a partir dos seus relatos de pesquisa e leitura, expressos na correspondência trocada entre eles, na qual podemos perceber aquilo que norteava seus escritos, suas concepções de História, além do papel que tiveram na constituição do campo historiográfico a que pertenciam.

Existe um paradoxo entre a construção da imagem de Capistrano como um intelectual isolado e a sua atuação nas diversas instituições intelectuais da época. Analisamos alguns traços da trajetória de Capistrano a partir de seus relatos epistolares a João Lúcio, mostrando o processo de construção do perfil desse historiador a partir das posições ocupadas por eles nos diversos espaços sociais. Assim entrevemos, as relações sociais que ele teve no decorrer de sua vida. Capistrano vivenciou um período de construção do campo histórico, ocupando lugares decisivos em sua formação intelectual.

Sobre a formação de Capistrano, propaga-se seu isolamento intelectual, sendo o mesmo considerado um misantropo, um homem isolado das sociedades letradas, um “beneditino das letras”. Entretanto, aqui destacamos um outro perfil desse historiador, vimos sua atuação no “pequeno mundo dos letrados” e sua participação no IHGB, no Colégio Pedro II e na Biblioteca Nacional. Refletindo sobre suas concepções de história e sobre seu lugar de fala, seja institucional ou não, procurou-se perceber como Capistrano entendia sua prática histórica.

Capistrano foi capaz de formar uma “cadeia de amizade” a partir de seus correspondentes. Essa amizade criou um espaço privado aonde se trocavam elogios e críticas ao trabalho um do outro, formando um “laboratório da obra”. Nesse lugar, onde misturava-se

encorajamento e concorrência, Capistrano é admirado e reconhecido como historiador pelos amigos que o evocavam-no por “mestre”.

Esses missivistas eram na maioria estudiosos que se correspondiam com ele para versar sobre a pesquisa histórica ou para pedir orientação, revisão de seus trabalhos e até mesmo colaboração com alguma referência bibliográfica para um livro em preparação. Capistrano pedia em troca alguns “favores”, como a aquisição de livros raros, manuscritos depositados no exterior e até empregos para outros amigos. Essa posição exercida por Capistrano no mundo intelectual deu-se possivelmente porque ele mantinha em torno de si uma grande rede de influência mútua entre intelectuais.

Capistrano parecia manter certo distanciamento das instituições acadêmicas, usando a correspondência para infundir uma determinada autoridade entre seus missivistas. Assim, observamos como Capistrano lia os artigos do amigo, os tipos de sugestões ou críticas que ele fazia e como essas eram recebidas por João Lúcio. Pode-se investigar esses aspectos a partir da correspondência trocada entre eles, já que nesse suporte os missivistas dão margem a comentários sobre as obras de cada um.

Esse trabalho seguiu uma linha interpretativa que analisa, a partir de uma amizade epistolar entre Capistrano e João Lúcio, a prática cotidiana do fazer historiográfico, passando pelas dificuldades de pesquisa, a busca por documentos, a crítica documental, e entrevedo assim os processos de leitura, escrita, publicação, impressão e circulação dos trabalhos de ambos.